



D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.

Leia o texto para responder a questão abaixo:

A CHUVA

A chuva derrubou as pontes. A chuva transbordou os rios. A chuva molhou os transeuntes. A chuva encharcou as praças. A chuva enferrujou as máquinas. A chuva enfureceu as marés. A chuva e seu cheiro de terra. A chuva com sua cabeleira. A chuva esburacou as pedras. A chuva alagou a favela. A chuva de canivetes. A chuva enxugou a sede. A chuva anoiteceu de tarde. A chuva e seu brilho prateado. A chuva de retas paralelas sobre a terra curva. A chuva destróçou os guarda-chuvas. A chuva durou muitos dias. A chuva apagou o incêndio. A chuva caiu. A chuva derramou-se. A chuva murmurou meu nome. A chuva ligou o pára-brisa. A chuva acendeu os faróis. A chuva tocou a sirene. A chuva com a sua crina. A chuva encheu a piscina. A chuva com as gotas grossas. A chuva de pingos pretos. A chuva açoitando as plantas. A chuva senhora da lama. A chuva sem pena. A chuva apenas. A chuva empenou os móveis. A chuva amarelou os livros. A chuva corroeu as cercas. A chuva e seu baque seco. A chuva e seu ruído de vidro. A chuva inchou o brejo. A chuva pingou pelo teto. A chuva multiplicando insetos. A chuva sobre os varais. A chuva derrubando raios. A chuva acabou a luz. A chuva molhou os cigarros. A chuva mijou no telhado. A chuva regou o gramado. A chuva arrepiou os poros. A chuva fez muitas poças. A chuva secou ao sol.

Todas as frases do texto começam com "a chuva". Esse recurso é utilizado para

- (A) provocar a percepção do ritmo e da sonoridade.
- (B) provocar uma sensação de relaxamento dos sentidos.
- (C) reproduzir exatamente os sons repetitivos da chuva.
- (D) sugerir a intensidade e a continuidade da chuva.**

(Equipe PIP). Leia o texto abaixo.

A gansa dos ovos de ouro

(Fábula de Esopo recontada por Ana Maria Machado)

Era uma vez um casal de camponeses que tinha uma gansa muito especial. De vez em quando, quase todo dia, ela botava um ovo de ouro. Era uma sorte enorme, mas em pouco tempo ele começaram achar que podiam ficar

muito mais ricos se ela pusesse um ovo daqueles por hora ou a todo momento que eles quisessem. Falavam nisso sem parar, imaginando o que fariam com tanto ouro.

- Que bobagem a gente ficar esperando que todo dia saia dessa gansa um pouquinho... Ela deve ter dentro dela um jeito especial de fabricar ouro. **Isso** era o que a gente precisava.

- Isso mesmo. Deve ter uma maquininha, um aparelho, alguma coisa assim. Se a gente pegar pra nós, não precisa mais da gansa.

- E... Era melhor ter tudo de uma vez. E ficar muito rico.

E resolveram matar a gansa para pegar todo o ouro.

Mas dentro não tinha nada diferente das outras gansas que eles já tinham visto – só carne, tripa, gordura...

E eles não pegaram mais ouro. Nem mesmo ganharam um ovo de ouro, nunca mais.

A palavra **Isso** marcada no texto se refere a:

- (A) Um pouquinho de tempo de que o casal precisava para cuidar da gansa.
- (B) A bobagem de achar que dentro da gansa tinha ouro.
- (C) Um modo de produzir ouro.**
- (D) Uma maneira menos cruel de matar a gansa.

(SAEMS). Leia o texto abaixo.

Domingo em Porto Alegre

(Fragmento)

Enquanto Luiza termina de pôr a criançada a jeito, ele confere o dinheiro que separou e o prende num clipe. Tudo em ordem para o grande dia. Passa a mão na bolsa das merendas e se apresenta na porta do quarto.

– Tá na hora, pessoal.

– Já vai, já vai, - diz a mulher.

Mariana quer levar o bruxo de pano, Marta não consegue afivelar a sandalhinha, Marietinha quer fazer xixi e Luiza se multiplica em torno delas.

– Espero vocês lá em baixo.

Luiza se volta.

– Por favor, vamos descer todos juntos.

Todos juntos, como uma família, papai e mamãe de braços dados à frente do pequeno cortejo de meninas de tranças.

– Chama um carro – o passeio de táxi também faz parte do domingo. As meninas vão com a mãe no banco de trás. Na frente, ele



D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.

espicha as pernas, recosta a nuca, que conforto um automóvel e o chofer não é como o do ônibus, mudo e mal-humorado, e até puxa conversa.

– Dia bonito, não?

– Pelo menos isso.

– É, a vida tá dureza...

Dureza é apelido e do Alto Petrópolis ao Bom Fim viajam nesse tom, tom de domingo e na sua opinião não é verdade que esse país já tá com a vela?

Na calçada, Luiza lhe passa o braço e comenta que o choferzinho era meio corredor. Ele concorda e acha também que era meio comunista.

E caminham.

Nas vitrinas do Bom Fim vão olhando os ternos da sala, as mesinhas de centro, os quartos que sonham comprar um dia. Luiza se encanta num abajur dourado, que lindo, ficaria tão bem ao lado da poltrona azul. E caminham. [...]

FARACO, Sérgio. Majestic hotel. Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 47.

O uso da palavra chofer (l. 21) no diminutivo revela um tom de

A) confiança.

B) desprezo.

C) intimidade.

D) nervosismo.

(SAEMS). Leia o texto abaixo e responda.

Grupo na linha

Me grampearam! A voz era cavernosa:

– Senhor Domingos?

– Sim.

– Nós grampeamos seu telefone.

– O quê? Quem está falando?

– O senhor vai receber a fita já-já.

Desligou, e eu ainda estava pensando quem poderia me passar um trote assim, tocou a campainha. Era um mototaxista, que nem tirou o capacete:

– Senhor Domingos? Para o senhor.

Me deixou nas mãos uma caixinha e se foi. Abri, é uma fita que começa com a voz cavernosa avisando: *você vai ouvir agora trechos selecionados de algumas conversas ao telefone. Ouça bem se não são conversas com-pro-me-te-do-ras...* – a voz solta amplas reticências, em seguida vêm as gravações: [...]

Conspiração

– Pellegrini?

– Não, o papa! Você não ligou pro Vaticano?

Sabe que hora é?

– Certo, certo...

(Atenção – a voz cavernosa interrompe a conversa. – *É claro que essa história de papa e Vaticano é uma senha, pois o assunto é grave, é coisa de sociedade secreta ou grupo terrorista! E continua a conversa...* [...])

– Hein, Pellegrini? – a voz cavernosa e vitoriosa. – Quanto acha que vale essa fita? E o que acha que a gente devia fazer com ela?...

PELLEGRINI, Domingos. Ladrão que rouba ladrão e outras crônicas. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 2005. V. 33. *

Adaptado: Reforma Ortográfica.

Nesse texto, a escrita da palavra “*com-pro-me-te-do-ras*” (l. 12) sugere

A) crítica.

B) gravidade.

C) hesitação.

D) musicalidade.

(PAEBES). Leia o texto abaixo.

Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos

Ganhei um porquinho-da-índia.

Que dor de cabeça me dava

Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala

Pra os lugares mais limpinhos

Ele não gostava:

Querida era estar debaixo do fogão.

Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

No poema, o uso dos diminutivos “porquinho” (v. 2), “bichinho” (v. 4), “limpinhos” (v. 6) e “ternurinhas” (v. 9) indica

A) afetividade.

B) deboche.

C) desconsideração.

D) insatisfação.

(SPAECE). Leia os textos abaixo.

D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.

Pedra Solidão

Cantava o pássaro e voava
cantava para lá
voava pra cá
voava o pássaro e cantava
de
repente
um
tiro
seco

NEVES, Libério. **Pedra solidão**. Belo Horizonte: Movimento Perspectiva, 1965.

A disposição das últimas palavras desse texto sugerem

- A) dor.
- B) giro.
- C) queda.
- D) volta.

(SAEPI). Leia o texto abaixo.

Barba Ruiva

Aqui está a lagoa de Paranaguá, limpa como um espelho e bonita como noiva enfeitada.

Espraia-se em quinze quilômetros por cinco de largura, mas não era, tempo antigo, assim grande, poderosa como um braço de mar. Cresceu por encanto cobrindo mato e caminho, por causa do pecado dos homens.

Nas salinas, ponta leste do povoado de Paranaguá, vivia uma viúva com três filhas. O rio Fundo caía numa lagoa pequena no meio da várzea.

Um dia, não se sabe como, a mais moça das filhas da viúva adoeceu e ninguém atinava com a moléstia. Ficou triste e pensativa.

Estava esperando menino e o namorado morrera sem ter ocasião de levar a moça ao altar.

Chegando o tempo, descansou a moça nos matos e querendo esconder a vergonha, deitou o filhinho num tacho de cobre e sacudiu-o dentro da lagoa.

O tacho desceu e subiu logo, trazido por uma Mãe-d'Água, tremendo de raiva na sua beleza feiticeira. Amaldiçoou a moça que chorava, e mergulhou.

As águas foram crescendo, subindo e correndo, numa enchente sem fim, dia e noite, alagando, encharcando, atolando, aumentando sem cessar, cumprindo uma ordem misteriosa. Tomou toda a várzea, passando por cima das carnaubeiras e buritis, dando onda como maré de enchente na lua.

Ficou a lagoa encantada, cheia de luzes e de vozes. Ninguém podia morar na beira, porque, a noite inteira, subia do fundo d'água um choro de criança, como se chamasse a mãe para amamentar.

Ano vai e ano vem, o choro parou e, vez por outra, aparecia um homem moço, airoso, muito claro, menino de manhã, com barbas ruivas ao meio-dia e barbado de branco ao anoitecer.

Muita gente o viu e tem visto. Foge dos homens e procura as mulheres que vão bater roupa. Agarra-as só para abraçar e beijar. Depois, corre e pula na lagoa desaparecendo.

Nenhuma mulher bate roupa e toma banho sozinha, com medo do Barba Ruiva. Homem de respeito, doutor formado tendo encontrado o Filho da Mãe-d'Água, perde o uso de razão, horas e horas.

Mas o Barba Ruiva não ofende a ninguém. Corre sua sina nas águas de Paranaguá, perseguindo mulheres e fugindo dos homens.

Um dia desencantar-se-á. Se uma mulher atirar na cabeça dele água benta e um rosário indulgenciado. Barba Ruiva é pagão e deixa de ser encantado sendo cristão.

CASCUDO, Luís Câmara. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. p. 39-40.

No trecho “As águas foram crescendo, subindo e correndo...” (. 14), a ordem em que as palavras destacadas aparecem nesse texto sugere

- A) exagero.
- B) gradação.
- C) oposição.
- D) repetição.

(SAEPI). Leia o texto abaixo e responda.

Nino quer um AMIGO

– Nino, por que você está sempre tão sério e cabisbaixo?

Nino vivia triste. Ele se sentia sozinho. Ninguém queria ser amigo dele. Pobre menino.

Um dia, na praia, ele ficou esperançoso de encontrar um amigo.

– Ah, um menino. Quem sabe..., e tentou chegar perto dele.

Mas o menino virou para o lado, cavou um buraco.

E ainda jogou areia no Nino.

Coitado dele. [...]

Até que um dia, ele tinha desistido de procurar.

Pensando em por que quanto mais tentava encontrar um amigo, mais sozinho se sentia...

Ficou distraído, pensando, e adormeceu.

D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfofossintáticos.

Quando acordou, olhou-se no espelho. Enquanto escovava os dentes, percebeu que fazia muitas caretas.

Achou engraçado. Enxugou a boca e continuou brincando com o espelho.

Era riso daqui, riso de lá. Era língua do Nino e língua do espelho. Piscadela aqui, piscadela ali. Começou ali uma verdadeira folia. Era um jogo de reconhecimento entre Nino e sua imagem no espelho. E não é que Nino era bem engraçadinho? Ele mesmo nunca tinha reparado nisso antes.

Que cara legal era o Nino.

Que garoto charmoso, bem-humorado!

Nino ficou encantado com seu espelho.

Fez-se ali uma grande amizade.

E, depois dessa amizade, surgiram muitas outras.

Nino hoje é um cara cheio de grandes amigos. Incluindo ele mesmo.

Valeu, Nino.

CANTON, Kátia. *Nova Escola*. v. 4, 2007.

Nesse texto, no trecho “E não é que Nino era bem **engraçadinho**?” (l. 27-28), a palavra destacada foi empregada no diminutivo para indicar

- A) afetividade.
- B) desprezo.
- C) ironia.
- D) tamanho.

(SEAPE). Leia o texto abaixo.



BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. v. 3. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 54.

No quarto quadrinho, no trecho “O **pobrezinho** não entende”, a palavra destacada sugere

- A) carinho.
- B) crítica.
- C) deboche.
- D) impaciência.

Leia o texto abaixo.

Patricinhas do skate

De unhas pintadas e roupas da moda, elas enterram o estereótipo rebelde. Você já deve ter se deparado com uma delas. Estão sempre de unhas pintadas, cabelo arrumado, calça de cintura baixa e camiseta *baby look*. Nas mãos, o *longboard* – a versão mais comprida do skate tradicional. Sim, essas princesinhas estão se fazendo notar por aí.

Por muito tempo, o visual das skatistas foi propositalmente desleixado. Usavam camisetas de bandas *hardcore*, bermudões no joelho e tênis rasgados, que misturavam o estilo grunge com um ar rebelde. Agora, as novas skatistas têm cara de saudáveis, roupas limpinhas e pouca afinidade com as manobras radicais do skate. “Não é porque eu estou andando de skate que vou mudar meu estilo”, diz Mitzi Iannibelli, 18, que adora reggae e faz as unhas toda semana – “sempre quadradas e sem cutícula”. Mitzi se diz adepta do estilo *mulherzinha*, que ela define como “short com a barriga de fora e camisa *baby look*”.

Recém-formada em estilismo, Amanda Assunção, 21, também critica o guarda-roupa rebelde: “Aqueles roupas grunges não tem nada a ver. Não gosto de estar *largadona*”, diz, ajeitando o colar de pedrinhas azuis no pescoço.

O que se vê nas ruas já chama atenção das lojas especializadas. Na Kelly Connection, na Galeria River (Arpoador), de cada 10 skates vendidos, 7 são comprados por mulheres.

“É impressionante como tem menina começando”, diz Nathalia Despinoy, 29, dona da loja e skatista amadora. Segundo afirma, houve uma mudança notável no perfil das skatistas:



D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfofossintáticos.

“Elas têm um envolvimento menor com o esporte, não usam nada muito louco, nada grunge.”

As novas skatistas divergem de suas antecessoras até no gosto musical. Dead Kennedys e Pennywise já não têm mais lugar no porta-CDs, que guarda agora discos de Bob Marley, Billie Holiday, Natiruts, Cássia Eller e Marisa Monte. Além do visual e da música, as *longboarders* têm uma relação menos profissional com o skate, em que a performance não é tão importante. Isabelle Valdes, 21, gosta de descer as Paineiras no seu *long*. Mas não faz pose e assume que só encara a versão *light* da descida. “Lá de *cimão*, eu ainda não tenho coragem”, diz.

Jornal do Brasil. Disponível em:

<http://quest1.jb.com.br/jb/papel/cadernos/domingo/2001/07/07/jordo_m20010707005.html> Acesso em: 08 jul. 2001.

No trecho “Usavam camisetas de bandas hardcore, bermudões no joelho e tênis rasgados, que misturavam o estilo grunge com um ar rebeldezinho.”(l. 10-11-12-13), o diminutivo é utilizado com o intuito de

- A) demonstrar ternura e afeto pelas garotas que se vestem desse modo.
- B) fazer uma crítica às garotas que se vestem como rebeldes, mas não são.
- C) identificar as patricinhas skatistas como sendo mais saudáveis e limpas.
- D) indicar uma progressão de alguém novato para outro mais experiente.

**LEIA O TEXTO A SEGUIR E RESPONDA:
O MÁGICO ERRADO**

Arquibaldo era um mágico. Exatamente. Um homem capaz de realizar maravilhas. Ou de maravilhar outras pessoas, se preferir. Mas havia um probleminha. E probleminha é modo de dizer, porque ele achava um proble-mão. Arquibaldo era um mágico diferente. Um mágico às avessas, sei lá como dizer.

Esse era o problema de Arquibaldo. Ele não sabia. Não conseguia, por mais que se concentrasse. Ele tirava bichos da cartola e do lenço. Era capaz de passar o dia inteirinho tirando bichos. Mas, se falasse: “Vou tirar...” Pronto! Tirava tudo que era bicho, menos o bicho

anunciado. Por isso, andava tristonho da vida.

Arquibaldo recordava-se dos espetáculos no circo. Embora preferisse nem lembrar. O apresentador apresentava com ar solene e voz emocionada.

— E agora, com vocês, Ar-qui-bal-do, o maior mágico do mundo!

Fonte: GALDINO, Luiz. *O mágico errado*. São Paulo: FTD, 1996.

Adaptado. Fonte: SARESP, 2010.

Observe: “— E agora, com vocês, **Ar-qui-bal-do**, o maior mágico do mundo!”

(SARESP – 2010) A palavra grifada foi dividida em sílabas para

- (A) imitar o modo como o apresentador fala em circo.
- (B) explicar direito como se pronuncia o nome Arquibaldo.
- (C) criar uma dúvida sobre os poderes do mágico.
- (D) indicar que a mágica será muito perigosa.

Leia o texto abaixo e responda:

Luzinha

Era uma vez uma luzinha
Bem lá no fim da rua
que foi
c
cr
cre
cres
cresc
cresce
crescen
crescend
crescendo
e deixou toda a cidade iluminada
e depois foi
diminuindo
diminuind
diminuin
diminui
diminu
dimin
dimi
dim
di
d

Para mostrar a diminuição da luz, o autor do poema

- (A) deixou a palavra diminuindo cada vez mais clara, até que ela sumisse por completo.
- (B) escreveu apenas uma letra da palavra diminuindo e foi acrescentando mais letras, até que a palavra aparecesse por completo.
- (C) foi reduzindo a palavra diminuindo até que suas letras ficassem todas grudadas.
- (D) começou escrevendo a palavra diminuindo completa e foi retirando letra por letra, até que restasse apenas a primeira letra da palavra.

(3ª P.D – SEDUC-GO). Leia o texto abaixo e responda.

Belém do Pará

Bembelelém!
Viva Belém!



D19 - Reconhecer o efeito decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.

Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial

Beleza eterna da paisagem
Bembelelém!
Viva Belém!

Cidade pomar
(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delinqüente: O apedrejador de mangueiras)

Bembelelém!
Viva Belém!

Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas:
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré (...)

BANDEIRA, Manuel. *Os melhores poemas de Manuel Bandeira*. Seleção Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Global. 1984. p.78.

As palavras “Bembelelém, Belém”, com repetição de sons semelhantes sugerem

- A) brincadeira com palavras.
- B) evocação do repicar de sinos.**
- C) homenagem a Belém do Pará.
- D) leveza da estrutura do poema.